

RUMO AO INTERIOR

Crise hídrica, especulação imobiliária e qualidade de vida estimulam o deslocamento de empresas e de trabalhadores para o interior de São Paulo. A capital se desindustrializa, mas não perde relevância econômica. As sedes administrativas das grandes corporações continuam na cidade, assim como os empregos de maior remuneração.

TEXTO **FILIPPE LOPES**



Sede das principais indústrias do País no início do século 20, a cidade de São Paulo se transforma cada vez mais em um grande polo financeiro, que abriga escritórios administrativos das grandes companhias, concentra os empregos que pagam mais, atrai empreendimentos imobiliários de alto padrão e afugenta para o interior a população de baixa renda que busca oportunidades de emprego.

No início do século passado, os bairros paulistanos da Lapa e da Mooca abrigavam as principais indústrias do Estado de São Paulo e do Brasil, que moviam a economia nacional e atraíam imigrantes que procuravam emprego no pós-guerra, além de migrantes de diversas regiões do País, que viam na capital paulista a esperança de um futuro melhor. Esse cenário começou a mudar no fim da década de 1970 e se intensificou nos anos 2000, quando a migração de nordestinos e de outros povos para São Paulo diminuiu bastante e a movimentação dentro dos próprios Estados brasileiros se intensificou. Segundo estudo elaborado pela Universidade de Campinas (Unicamp) para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre 2000 e 2010, a migração dentro dos Estados passou de 65% para 72% do fluxo total de deslocamentos dos brasileiros. No mesmo período, a migração para o Sudeste caiu de 1,8 milhão de pessoas para 575 mil.

Além de a população se manter mais nas suas regiões de origem, a capital paulista não desperta mais a ilusão de riqueza aos migrantes, que contam com mais opções de emprego e moradia em suas cidades. A taxa de urbanização das cidades paulistas do interior, principalmente as localizadas das rotas de escoamento da produção sucroalcooleira e agrícola ao norte do Estado (que faz divisa com Minas Gerais e Mato Grosso do Sul), cresceu, em média, 76,1% entre 2000 e 2010, segundo último

Foto: Antoninho Perri / Ascom / UNICAMP



“A MIGRAÇÃO DOS PROCESSOS INDUSTRIAIS DAS GRANDES EMPRESAS PARA O INTERIOR PAULISTA É NOTADA DESDE A DÉCADA DE 1970. A TENDÊNCIA É MAIS ESTRUTURAL DO QUE PROPRIAMENTE ALGO QUE AFETE A ECONOMIA BRASILEIRA. SÃO PAULO NÃO SE TRANSFORMARÁ EM UMA CIDADE-FANTASMA, APENAS CONTINUARÁ SENDO O GRANDE CENTRO FINANCEIRO DO PAÍS”

CLÁUDIO DEDECCA, PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA UNICAMP

levantamento do Censo, apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para o professor do departamento de Economia da Unicamp, Cláudio Dedecca, essa somatória de fatores não significa necessariamente que a capital paulista perdeu ou perderá força em razão do êxodo urbano. “A capital paulista concentra os escritórios administrativos das grandes empresas, enquanto as cidades interioranas abrigam as indústrias e a mão de obra menos qualificada. A tendência é que a região metropolitana de São Paulo se desindustrialize cada mais vez”, afirma. Segundo Dedecca, isso não enfraquece a economia da cidade. Muito pelo contrário. Há uma seleção de empregos de melhor qualidade e, consequentemente, que remunera melhor. “A capital paulista tem a melhor qualidade de mão de obra e a maior concentração de renda do Brasil. Um bom termômetro para medir o poder aquisitivo dos habitantes de São Paulo é a frota de carros, que é uma das maiores do mundo”, pondera. Contudo, um dos impactos dessa concentração financeira, segundo ele, é o aumento da desigualdade social, que ergue uma fronteira invisível entre a São Paulo para quem pode pagar e a cidade dos paulistanos que sobrevivem a ela.

INTERIOR PUJANTE

De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a região metropolitana de São Paulo apresentou taxa de migração negativa (-1,6 por mil habitantes) na última década (2000-2010). Essa retração contribuiu para manter a taxa de crescimento populacional do Estado inferior a 1% ao ano, a menor desde a década de 1970. Em contrapartida, a região de Campinas destaca-se como uma das mais importantes do Estado em termos de atração populacional. A taxa de migração da área, en-

tre 2000 e 2010, foi de 6,5 migrantes ao ano por mil habitantes, mais de cinco vezes superior à média estadual (1,2 migrante ao ano por mil habitantes). Campinas, com saldo migratório líquido próximo de 38 mil migrantes ao ano, respondeu por quase 80% do volume de migração do Estado de São Paulo, entre 2000 e 2010.

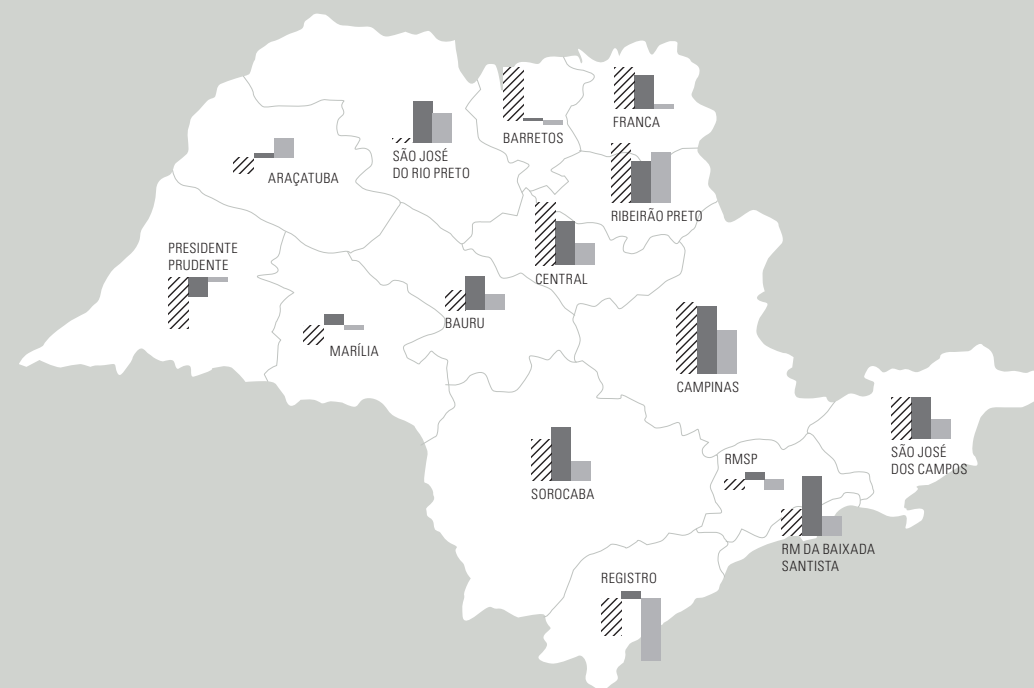
O segundo agrupamento regional que chamou atenção no levantamento do Seade foram as regiões de Ribeirão Preto e de São José do Rio Preto, com elevados dinamismos migratórios na última década. Ribeirão Preto registrou a maior taxa de crescimento populacional entre todas as regiões paulistas (1,6% ao ano) e, diferentemente do conjunto do Estado, a taxa de migração se elevou de 6,5 para 7,6 migrantes ao ano por mil habitantes entre as décadas de 1990 e 2000.

Essa tendência de migração interiorana não é privilégio de São Paulo. Na medida em que as grandes cidades brasileiras se consolidam cada vez mais como metrópoles de negócios, os municípios do interior do País crescem em proporções nunca alcançadas e podem se tornar os novos motores da economia nacional. Estudo do The Boston Consulting Group (BCG) aponta as famílias de classe média sediadas no interior do País como as principais alavancas para o crescimento de diversas categorias de consumo, representando um mercado de US\$ 600 bilhões em 2020 – mais da metade do crescimento do consumo no País até lá.

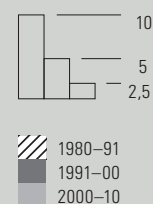
“Esse fenômeno de migração dos processos industriais das grandes empresas para o interior paulista é notado desde a década de 1970. A tendência é mais estrutural do que propriamente algo que afete a economia brasileira. São Paulo não se transformará em uma cidade-fantasma, apenas continuará sendo o grande centro financeiro do País” afirma Dedecca, que compara o movimento ao observado em metrópoles como Nova York,

ESTUDO DO THE BOSTON CONSULTING GROUP (BCG) APONTA AS FAMÍLIAS DE CLASSE MÉDIA SEDIADAS NO INTERIOR DO PAÍS COMO AS PRINCIPAIS ALAVANCAS PARA O CRESCIMENTO DE DIVERSAS CATEGORIAS DE CONSUMO

EVOLUÇÃO DAS TAXAS ANUAIS DE MIGRAÇÃO

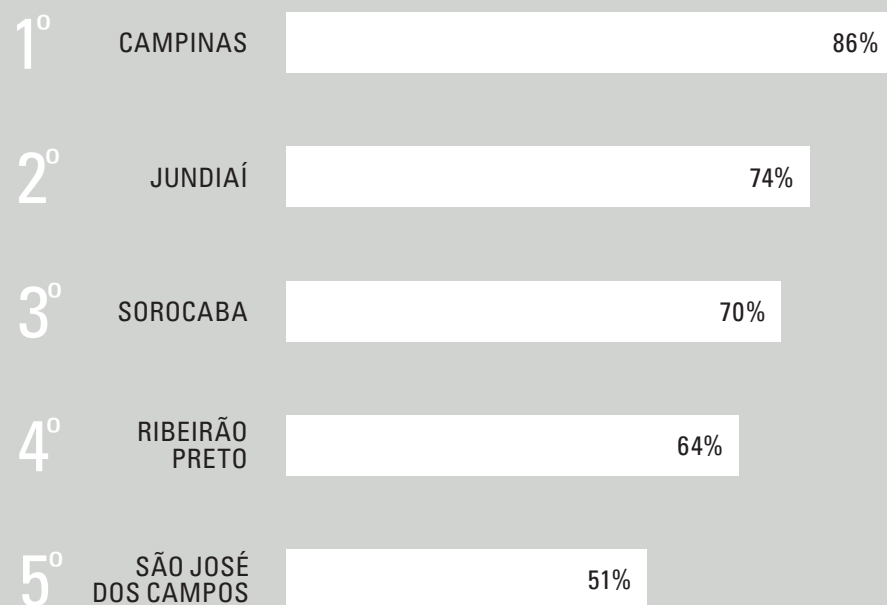


TAXAS ANUAIS DE MIGRAÇÃO (POR MIL HABITANTES)



Fonte: Fundação Seade

TOP 5 DAS CIDADES MAIS ATRATIVAS SOB A ÓTICA DOS EXECUTIVOS



Fonte: Heads

Londres, Paris, Frankfurt e Buenos Aires. Elas concentram grandes edifícios corporativos, registram os aluguéis domiciliares mais caros de seus países, respondem pela maior movimentação financeira, não sediam centros industriais e, mesmo assim, não perdem a força. A relevância econômica desses polos obriga as corporações a manter escritórios lá.

O interior paulista também se mostra atrativo para os trabalhadores que buscam melhores oportunidades de emprego. Segundo pesquisa realizada em 2014 pela empresa de recrutamento Heads, 91% dos 1.125 profissionais paulistanos entrevistados consideraram o interior de São Paulo muito atrativo para viver, trabalhar e estudar. O estudo aponta ainda que 72% dos executivos ouvidos já realizaram mudanças de cidade por motivos profissionais.

A pesquisa revelou também que os jovens são os que mais buscam oportunidades nas cidades interioranas, sendo 47% deles com até dez anos de carreira. Entre os motivos que tornam o interior do Estado atrativo para os trabalhadores estão “qualidade de vida”, avaliada como “muito bom” por 80% dos entrevistados; seguido por “oportunidades para se trabalhar”, com 55% de “muito bom”; e “estudar”, com satisfação de 45%.

A GOTA D'ÁGUA

A crise hídrica que assola o Sudeste e castiga ainda mais a região metropolitana de São Paulo (RMSP) pode motivar a migração de empresas. “Caso ocorra um racionamento rigoroso, poderemos assistir a um êxodo para o interior e até para outros Estados do País. Parece irônico afirmar que a falta de água seria a ‘gota d’água’ para que muitos cidadãos decidam abandonar a cidade que dá sinais de insustentabilidade”, afirma o presidente do Conselho de Desenvol-

vimento Local da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), Jorge Duarte.

A hipótese de racionamento, segundo aponta Duarte, pode ter impacto negativo no comércio, principalmente para quem lida com produtos de menor necessidade. “Se o racionamento e a falta de água vierem a ocorrer nos próximos meses, o comércio tende a ser impactado. Para muitos negócios, a água é um insumo primordial. Por consequência, a dinâmica econômica será afetada”, aponta.

A crise no abastecimento de água já se reflete no custo de vida do paulistano. Segundo o Custo de Vida por Classe Social (CVCS) para a região metropolitana de São Paulo, apurado mensalmente FecomercioSP, sofreram impacto grupos como Alimentação e bebidas e Habitação. Enquanto os preços de produtos e serviços cresceram, em média, 6% no acumulado de 2014, o subgrupo refrigerante e água mineral registrou incremento de 13,3% no período. Em 2013, o subgrupo havia se elevado em 6,73%.

Além da crise hídrica, o paulistano anda insatisfeito com os problemas decorrentes do crescimento desordenado da metrópole, especialmente aspectos relacionados a mobilidade urbana, transporte público, violência e custo de vida. “Não se pode afirmar que o êxodo pode ser estimulado apenas pela falta de água. Há o problema da sensação de insegurança, enchentes, poluição, trânsito carregado, mobilidade limitada, ocupação desordenada e falta de um projeto de desenvolvimento sustentável claro, de curto, médio e longos prazos. Esses problemas estão na mente do paulistano que não vê perspectivas de melhora”, afirma Duarte. Enquanto nenhum projeto dos governos municipal e estadual amenizar, de fato, a tendência é que muita gente – e muitas empresas – opte pelo interior. [6]